



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1487

PRÁTICAS E CRENÇAS RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS EM MARINGÁ-PR (1947-2014).

GIOVANE MARRAFON GONZAGA

VANDA FORTUNA SERAFIM (ORIENT.)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Resumo. O presente trabalho visa discutir percepções na análise das práticas relacionadas às crenças afro-brasileiras, na cidade de Maringá-PR, entre os períodos de 1947 a 2014. Com esse fim, objetiva-se definir condições para mapear os espaços de crenças e manifestações afro-brasileiras em Maringá-PR, perceber a relação entre essas práticas e a tradição católica maringaense, contribuindo aos estudos da História das Crenças e das ideias religiosas dentro da perspectiva de sua formação regional e da cultura afro-brasileira. Esta proposta se apoia teoricamente nos conceitos de M. Certeau (1994), tática e estratégia, R. Chartier (2002), práticas instituídas, auxiliados pela ideia de homem religioso desenvolvida por M. Eliade (1992). A metodologia pretendida estabelece relações com a micro-história operacionalizada por C. Ginzburg (1990), entendendo que o espaço e a história das crenças afro-brasileiras podem ser apreendidos se não por seus indícios e vestígios. Considera-se a particularidade de um estudo cujo objeto ainda não foi abordado pela historiografia, se considerado o recorte à cidade maringaense. Dessa forma, discute a importância do levantamento de fontes para a realização do trabalho, entendendo que elas podem ser constituídas através dos periódicos publicados na cidade, da própria localização e dados geográficos desses espaços no município, e da possibilidade de entrevistas, sobretudo com as lideranças religiosas nesses locais. Por fim, o trabalho elabora caminhos para um diálogo entre a História das religiões em Maringá-PR, o espaço das crenças afro-brasileiras na cidade, e os resultados capturáveis desses encontros.

Palavras-chave: Afro-brasileira; Chartier; Certeau; Religiosidade; Maringá;

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES)

I – Introdução

Com o intuito de se discutir o projeto de mestrado iniciado em 2015, intitulado “Crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras em Maringá-P`R (1947-2014)”, o presente artigo visa apresentar os objetivos da pesquisa, de que aportes teórico-metodológicos se partirá, bem como de que maneira a problemática do tema foi elaborada por outros trabalhos dentro do mesmo recorte espacial.

Contribuem para o trato historiográfico das intenções do projeto, o trabalho com indícios e vestígios, através da ideia do paradigma indiciário desenvolvida por C. Ginzburg (1987). Sobre o estudo das religiões, a ideia de um homem religioso, de M. Eliade (1992), auxilia à compreensão de uma relação que determina espaços do sagrado e do profano na prática cotidiano do indivíduo. As ideias de táticas e estratégias, de M. de Certeau (1994), auxiliam para pensar a relação entre sujeito e instituição, bem como as noções sobre práticas instituídas, pensadas por R. Chartier (2002).

As pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras são ainda escassas no campo da História, em especial no Paraná, ainda não tendo sido realizadas com recorte espacial voltado para Maringá. Portanto, pensar as crenças afro-brasileiras em Maringá, no Paraná, é válido historiograficamente, e mais ainda no que diz respeito à temática, uma vez que temos estudos consideráveis sobre o catolicismo em Maringá, mas quase nada sobre as religiões afro-brasileiras. O município, situado no norte do Estado do Paraná, possui cerca de 360 mil habitantes e é considerada região metropolitana, ainda jovem, dada sua recente fundação em 1947. A história da cidade está atrelada à história do estabelecimento do Catolicismo oficial na cidade, traçando um perfil do maringaense associado a uma identidade católica pioneira. É o que nos indica a pesquisa de Selson Garutti (2006) intitulada, *O poder do anel na diocese de Maringá*.

O processo de fundação da cidade de Maringá destaca-se pelo fato de ter sido planejada primeiramente em uma prancheta, na qual se previa a organização de todos os espaços, quebrando uma antiga tradição brasileira na forma de fundação das cidades, quando primeiramente se erguia uma cruz, símbolo da religião dominante, para em torno dela surgir o núcleo urbano. Os espaços religiosos formados por católicos e protestantes

também são considerados, visto que ambos se organizaram no mesmo momento histórico; mas permaneceu como patrimônio histórico da cidade só a primeira capela construída no primeiro núcleo urbano que deu origem à cidade. [...] além de ser a religião católica a religião "aceita" pela maioria dos pioneiros. (GARUTTI, 2006, p.10).

Exposto isto, nota-se, então, uma grande lacuna histórica, como indica o artigo de Amorim (2009) com um título já bastante sugestivo “Religiões Afro-brasileiras na Região de Maringá: Diversidade e Invisibilidade”. A autora explica que as pesquisas realizadas por seu grupo de trabalho apontam a grande quantidade e diversidade de manifestações religiosas, destacando a existência de mais de 300 templos, no município. Fazendo com que a aparente invisibilidade de cerca de 50 templos das religiões afro-brasileiras e sua inserção na região mereçam uma investigação mais detalhada. A pesquisa utilizou questionários e observação participante, junto aos templos em Maringá, Sarandi, Marialva e Mandaguari; constatando que na maioria dos casos, os templos situam-se em bairros periféricos, sendo que alguns já se localizaram em áreas mais centrais ou no município maior. Observa-se que, por pressão dos outros grupos, com diferentes orientações religiosas, tais templos foram “empurrados” para municípios limítrofes, na região metropolitana. A caracterização dos templos é bem diversificada, sendo que predomina a umbanda como característica geral dos cultos. Entretanto, há a significativa presença de outras designações religiosas, como o candomblé, o omolokô e tambor de mina, estes dois últimos chegaram em Maringá na última década (AMORIM, 2006).

Recentemente, o sociólogo Eronildon José da Silva (2014) produziu a tese de doutorado “Maringá de todos os santos: presença das religiões afro-brasileiras”, na qual buscou a partir da observação da negação da presença negra em Maringá, revelar tal presença por meio de suas expressões religiosas. Silva (2014) destaca que o universo religioso afro-brasileiro em Maringá ainda é desconhecido pela maior parte das pessoas. Em virtude disto, buscou mapear os terreiros atuantes na cidade, suas origens, filiações (linhagens), seus sacerdotes e adeptos, como eles encaram o preconceito e as relações entre os terreiros e a sociedade. (SILVA, 2014).

A opção teórica pelo termo “crença” (CERTEAU, 1998) implica em uma posição metodológica que contempla não apenas os centros ou terreiros de Maringá, mas as manifestações diversas da religiosidade afro-brasileira, como os

(as) médiuns que oferecem consultas domiciliares, ou leem cartas, jogam búzios e que remetem suas práticas a uma espiritualidade afro-brasileira.

II – Objetivos

Tem-se definida a necessidade de perceber as configurações históricas da religiosidade afro-brasileira. O trabalho aqui apresentado tem como objetivo discutir aportes teórico-metodológicos que seriam caros ao processo de produção da pesquisa. Para tanto, deve ser levadas em consideração as linhas de base que guiarão a abordagem. Se almeja mapear os espaços e agentes de crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras em Maringá-PR; investigar como as crenças afro-brasileiras se organizam frente a proposta/tradição católica na cidade, contribuindo para uma compreensão da maneira geral com que ideias religiosas brasileiras podem ser encaradas através de suas especificidades regionais e suas relações com a cultura afro-brasileira.

III - Resultados

A opção teórica inicial para a realização do projeto consiste nas noções de “táticas” e “estratégias” de Michel de Certeau (1994) e práticas instituídas de Roger Chartier (2002) por permitirem articular à História Cultural o estudo das ideias e instituições religiosas. Fornecendo, portanto, importantes bases para a reflexão sobre as crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras.

Michel de Certeau (1994), em *A invenção do cotidiano – artes de fazer*, indica que a problemática principal de sua pesquisa seria a de compreender “as operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina” (1994, p. 37), e fornecer através de hipóteses e investigações “caminhos possíveis para a análise ainda por fazer” (idem, ibidem). Para isso o autor questiona essa ótica encontrada em outros intelectuais da cultura, como Foucault, que embora fujam dos padrões clássicos de um pensamento organizado em razão das instituições, não deixa de se desenvolver sua problemática a partir delas:

“No entanto mais uma vez, esta “microfísica do poder” privilegia o aparelho produtor (da disciplina), ainda que, na “educação”, ela ponha em evidência o sistema de uma “repressão” e mostre como, por trás dos bastidores, tecnologias mudas determinam ou curto-circuitam as encenações institucionais. Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a

rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela [...]” . (CERTEAU, 1994, p. 41)

No intuito de estudar as operações formuladas por esse personagem secundário, o “homem ordinário”, para quem dedica sua obra (CERTEAU, 1994, p. 53), difere entre dois modelos de ação referentes às instituições consolidadas numa sociedade, e por isso dominantes (a Igreja, o Estado, a educação formal, etc.), e àqueles que se organizam sob o plano dessas instituições, o cidadão comum, ou o homem ordinário, como o autor mesmo escreve. Aos primeiros, Certeau classifica as ações enquanto “estratégias”, que condicionam ativamente a estrutura sociocultural, de determinado espaço, gozando de autonomia sobre as informações e conhecimentos transmitidos à sociedade que domina. Ao homem ordinário restaria, então, as ações do tipo “táticas”, relacionadas metaforicamente por Certeau como “golpes no cotidiano” (1994, p. 101), onde esse cidadão comum, saindo para além da posição de um consumidor passivo de cultura, jogaria com a estratégia das instituições dominantes, se utilizando do que elas mesmo oferecem, produzindo sua própria cultura.

Assim, a estratégia, se define pela condição de um próprio, “uma vitória do lugar sobre o tempo” (CERTEAU, 1994, p. 99), numa relação de independência com as circunstâncias. Seria “um domínio dos lugares pela vista. [...] a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar e medir, controlar, portanto e “incluir” na sua visão” (1994, p. 100). A estratégia se definiria, portanto, pela sua relação majoritária com o saber, que se produziria no seio da instituição dominante e daí seria transmitido ao cidadão comum. O conceito de estratégia é valioso para pesquisa no sentido de explicar, por exemplo, a relação e as ações tomadas pela Igreja Católica na região de Maringá, desde a fundação da cidade, que se encaixam nos três elementos de estratégia descritos por Certeau (1994) acima.

Segundo Pereira (2007), que desde 1947, quando a cidade passa a existir como tal, nos documentos oficiais do Estado, a presença da Igreja Católica é visível e atuante. A autora nesse caso tece uma série de atitudes que se estendem até à Santa Sé, no sentido de legitimar a presença da instituição no desenvolvimento da cidade. A própria Companhia Melhoramentos Norte do Paraná , responsável pela construção da cidade, reservou gratuitamente os lugares de maior visibilidade, como o centro urbano, à Igreja. Em retribuição, a instituição católica, associada à elite da

cidade, se responsabilizou por organizar a infraestrutura necessária para atender necessidades básicas da população que crescia, como a saúde (Santa Casa de Maringá, Irmãos da Misericórdia Auxiliadora) e a educação (por exemplo, Colégio Santa Cruz, Irmãs da Congregação das Carmelitas da Caridade).

A tática, por sua vez, para Certeau (1994), “não tem por lugar senão o do outro” (1994, p. 100), se reafirma pela ausência de poder, configurando-se como a “arte do fraco” (1994, p. 101), tem como característica principal a astúcia, e joga com e contra o tempo. São exemplos de tática as várias maneiras de se falar, comer, andar, cozinhar, etc. Bem como as gírias, as formas de se vestir, entre tantas outras aplicações cotidianas que cada indivíduo faz de sua cultura. A tática assimila-se com a prática da leitura que, através de uma fonte (o livro), gera condições para a produção de uma interpretação que varia de leitor para leitor. Como exemplo prático, Certeau menciona a casa dos imigrantes de origem árabe em Paris, onde, por fora, nada fugiria ao modelo comum das casas francesas, mas ao se adentrar na residência, da disposição dos móveis à utilização dos cômodos, observa-se a produção de outro tipo de casa parisiense. (CERTEAU, 1994).

Durante nossas pesquisas de campos, realizadas entre 2012 e 2014, diferentes espaços da prática das crenças afro-brasileiras na cidade de Maringá, pode-se perceber modos de organização semelhantes ao modelo tático relacionado às casas de imigrantes árabes descritas por Certeau (1994). A maioria dos terreiros (termo utilizado, inclusive, nas conversas com os representantes entrevistados) não possui nenhuma espécie de identificação escrita que distinga o lugar de uma casa comum, sendo que, para olhos apressados, nenhum dos imóveis levantaria a suspeita de que ocorresse ali uma sessão de consulta umbandista, por exemplo, algo muito diferente do que acontece com as igrejas católicas, quase sempre de grandes proporções e arquitetura rebuscada, ou mesmo as pequenas igrejas neopentecostais observadas em cada quarteirão da rua principal do bairro Vila Esperança, na cidade de Maringá.

Embora não possamos afirmar com rigor os motivos para a ausência de identificação desses lugares, é pouco provável que sejam advindos da vontade de discrição baseada apenas numa preferência pessoal, e não, também num interdito social, no sentido de que é preferível não se identificar para evitar um choque com a mentalidade religiosa dos vizinhos. É possível se pensar assim, pois, na maioria dos

lugares, aquilo que não é facilmente relacionado às religiões afro-brasileiras por um não praticante está simbolicamente representado por toda a fachada da maioria das casas que também são templos, como a presença de flores e plantas específicas para o trato com determinadas entidades e disposição de alguns elementos naturais da prática religiosa afro-brasileira, como a “casinha de exu”, pequena construção de alvenaria ou madeira posicionada de maneira discreta na entrada de alguns lugares visitados.

Exemplos como esses são encontrados aos montes, de óbvias atenuações de características africanas, nas estatuetas que simbolizam um ou outro orixá, no lugar de uma valorização de qualidades que se aproximam das representações católicas de seus santos. Como também elementos subjetivos, mas que corroboram a respeito do que Certeau (1994) propõe metodologicamente, como um olhar que procura descobrir as intenções por trás da pergunta antes de escolher uma resposta.

A intenção da pesquisa em se deter, também, em elementos menos tradicionais da historiografia (como a história oral, na forma de entrevistas e relatos), vem da necessidade de perceber o objeto, suas práticas instituídas e apropriações, dentro de algo que é estrutural, mas não lhe é próprio. Entende-se através da análise de Roger Chartier (1990) que categorias diferentes de instrumentalidade devem ser levadas em contas no estudo daquilo que é popular, ou não está presente nas discussões acadêmicas:

“Enfim, uma outra tomada de consciência coletiva reconheceu que, para abordar esses novos domínios, as metodologias clássicas não bastavam [...]. Por transpor procedimentos e problemas que eram os da história socioeconômica, ao mesmo tempo que operava um deslocamento histórico, a história das mentalidades (parte ou totalidade da história sociocultural) pôde ocupar a dianteira do palco intelectual e parecer [...] reformular – e, portanto, desqualificar – a maneira antiga de fazer a história das ideias” (CHARTIER, 2002, p. 39-40)

“Definido como uma “outra produção”, o consumo cultural, por exemplo, a leitura de um texto, pode assim escapar à passividade que tradicionalmente lhe é atribuída. Ler, olhar ou escutar são, de fato, atitudes intelectuais que, longe de submeter o consumidor à onipotência da mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o modela, autorizam na verdade reapropriação, desvio, desconfiança ou resistência.” (CHARTIER, 2002, p.53)”

A opção por Michel de Certeau (1994) e Roger Chartier (2002) como aportes para esta pesquisa reside na possibilidade que oferecem em pensar ideias e instituições religiosas como práticas culturais, articuladas a um lugar próprio de produção, leituras e significações. Diferente de modelos teóricos mais fechados,

como Durkheim (1989) e Bourdieu (1992) que organizam sua teoria em volta de uma necessidade de homogeneidade de ritos, escrita e hierarquia burocrática para definir o conceito de religião; torna-se possível considerar as práticas religiosas afro-brasileiras, ainda que “mesmo acanalhado e confundido com o comum supersticioso: fornece ao discurso o meio de generalizar um saber particular e garantir por toda história sua validade” (CERTEAU, 19994, p. 62).

A compreensão e estudo das crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras, não apenas em Maringá, mas no Brasil de modo geral, será incompleta, e em muitos casos inviáveis ao pesquisador circunscrito ao trabalho com os documentos escritos. Para Le Goff, a História faz-se “[...] com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais (os documentos escritos). Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas.” (LE GOFF, 1990, p.540).

O quadro metodológico inicial proposto para esta pesquisa consiste no que Carlo Ginzburg denominou “paradigma indiciário”. Ginzburg busca uma documentação diferente para interpretação dos feitos históricos. Entre outros, lança mão de documentos iconográficos, edifícios, medalhas, moedas, atas judiciais e processos inquisitoriais, em geral tratados com certo preconceito pelos historiadores tradicionais: “A época em que os historiadores acreditavam que era seu dever trabalhar exclusivamente com depoimentos escritos já passou faz algum tempo. Já Lucien Febvre convidava a examinar ervas, as formas dos campos, os eclipses da lua” (GINZBURG, 1984, p.XXII).

O estudo das crenças e manifestações religiosas, neste sentido, passam agora a considerar a experiência religiosa. Conforme explica Eliade (1992) o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado, e podemos salientar em especial, as afro-brasileiras, uma vez que subvertem as noções cristãs ocidentais. Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania (manifestação do sagrado), por seu caráter relativo, ao mesmo tempo mundano e transcendente. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa e,

contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente.

Ao mapear os espaços de devoções afro-brasileiras em Maringá, constata-se que para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. Há, também, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas). Há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. O tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, no sentido em que é, propriamente falando, um Tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios”. Nesse sentido, em Maringá as crenças afro-brasileiras tem suas manifestações não apenas em templos ou terreiros, mas em espaços sacralizados, como as matas, os rios, o cemitério, a residência, as encruzilhadas. O tempo é também distintamente vivido, pelo tempo das divindades e entidades africanas, segundo o calendário mítico das comemorações de seus deuses. Embora no Brasil, muitas vezes existam convergências entre a cronologia das festas, encontramos diversas significações.

Além da distinta percepção de tempo e espaço, a oralidade e o segredo são características destas crenças. Dessa maneira a pesquisa de campo e observação informação, além da aplicação de questionários é fundamental a realização da pesquisa. Como indica Nibert Elias e John Scotson (2000) as entrevistas e fichas de registro permitem compilar dados quantitativos e apresentar alguns deles sob a forma de tabelas estatísticas. Mas os dados quantitativos assim compilados só podem ser considerados parte das provas necessárias a pesquisas sobre esse tipo de problemas. Podem ajudar a estabelecer noções gerais, mas os significados que cada elemento tem dentro de determinadas comunidades será compreendido apenas por meio da observação.

Nesse sentido, analisar as crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras em Maringá, pressupõe a busca de novas formas de abordagem do objeto de estudo em uma pesquisa que não trabalha com provas irrefutáveis, mas com possibilidades históricas, pois como salienta Ginzburg “depois do paradigma indiciário ou adivinhatório se entrevê o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero

humano: o do caçador preso na lama em que escruta os rastros da presa” (1990, p.79).

Nesse sentido, os jornais que trazem indícios e pistas das religiosas afro-brasileiras em Maringá, mapeados até o momento consistem em *O Diário* e *A Gazeta do Povo*; além de panfletos distribuídos no centro da cidade com referências a trabalhos mediúnicos com entidades do Candomblé e da Umbanda; e dos próprios Censos divulgados pelo IBGE que indicam as adesões religiosas no município. O trabalho com estes documentos implicam a análise do documento enquanto monumento. Ou seja, utiliza-se as noções de *monumentos* (herança do passado) e *documentos* (escolha do historiador), de Le Goff (1974), entendendo que ainda que sejam uma escolha do historiador, não se apresenta por si mesma como uma prova histórica. Uma vez que não existe um documento objetivo, inócuo ou primário, é fundamental à problematização, o questionamento, o diálogo com nossas fontes, que são dois documentos escritos, logo, são expressão de uma época, de um determinado modo de pensar e interagir com o mundo.

Atentando ao trabalho com a oralidade, uma vez que os relatos das lideranças religiosas entrevistadas são o ponto de partida para a construção da trajetória temporal das práticas religiosas de origem afro-brasileira em Maringá-PR, os trabalhos de Verena Alberti (2008) e Alberto Lins Caldas (1999) oferecem opções metodológicas pertinentes a uma construção da história oral que busca, por um lado, sistematizar o processo de catalogação de entrevistas, elaboração de perguntas, gravação e transcrição de áudio, mas também dar liberdade ao entrevistado, dialogando com sua realidade através de aspectos subjetivos, como a ondulação da voz e os olhares lançados durante a entrevista.

Em *Fontes orais: histórias dentro da História* (2008), Alberti entende que a fonte oral se valida como recurso dentro de uma pesquisa científica, no momento em que haja entrevistados que possam acrescentar qualidade à construção e interpretação do tema pesquisado. Particular a este projeto, o trabalho com a história oral não apenas é viável, como necessário, visto que até o momento não existem documentos oficiais de quaisquer instituições tratando das crenças afro-brasileiras na cidade de Maringá-PR, que foram trabalhados no meio acadêmico.

Vista a possibilidade de se utilizar a fonte oral como recurso, Alberti (2008) organiza o processo de entrevista em três fases sequenciais: a preparação das

entrevistas, sua realização e seu tratamento. À exemplo do que viemos fazendo nas pesquisas anteriores e pretende-se dar continuidade, o uso de questionário pré-elaborado destacava o roteiro principal a ser seguida durante as conversações, valorizando perguntas tanto de caráter objetivo sobre o espaço religioso (número estimado de componentes do terreiro, data de fundação, etc.), como perguntas abertas que diziam respeito à relação do entrevistado, e sua prática de crenças afro-brasileiras, com a sociedade em que ele está inserido. Por fim, o tratamento da entrevista se deu através da redação de relatos que transmitiam desde a forma como o entrevistado e seu espaço de religiosidade foram encontrados, como a biografia do líder religioso e os principais acontecimentos de sua vida que, de alguma forma, se conectavam com a cidade de Maringá. Compreender esse tipo de fonte e sua utilidade dentro do viés historiográfico, remonta ao que Caldas (1999), em *Oralidade, texto e História: para ler a História oral* (1999), e *Fontes orais: Histórias dentro da história*, entende como subjetividade do documento, para o autor:

“Os documentos são tão subjetivos quanto o presente, devem ser entendidos dentro de seu próprio processo de criação textual. E qualquer dado é subjetivo e histórico em sua mais íntima essência, seja ele físico ou químico”. (CALDAS, 1999, p. 77)

Concluindo, utilizar o paradigma indiciário para realização deste trabalho significa considerar que os indícios históricos podem levar a compreensão de uma realidade mais profunda, como sugere Ginzburg (1987) e que

“Cada sociedade observa a necessidade de distinguir os seus componentes; mas os modos de enfrentar essa necessidade variam conforme os tempos e lugares. Existe, antes de mais nada, o nome; mas, quanto mais a sociedade é complexa, tanto mais o nome parece insuficiente para circunscrever inequivocadamente a identidade de um indivíduo.” (pp 171-172)

Nesse sentido, o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem a estrutura social como a, no caso de Maringá, de uma identidade católica homogênea. Se as pretensões de um conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais com veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal

conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios - que permitem decifrá-la. (GINZBURG, 1990).

Referências bibliográficas

Amorim, C. R; ET Al. Religiões Afro-brasileiras na Região de Maringá: Diversidade e Invisibilidade. In: **Anais do I Seminário Nacional de Sociologia e Política**. Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT8%20online/EixoIV/religioes-afro-brasileiras-Amorim.pdf>. Acesso: 19/02/2013.

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (org.), **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Loyola, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo. Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1.ed. São Paulo – SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.

GARUTTI, Selson. **O poder do anel na diocese de Maringá**. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC/SP, 2006.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário IN: GINZBURG, Carlo, **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PEREIRA, Márcia M. **A Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho (1947-1980)**. 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2007.

SILVA, Eronildo José. **Maringá de todos os santos: presença das religiões afro-brasileiras**. 307 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. PUC/SP. São Paulo, 2014.